

Quando a espada “corta” a pena: censura moral no romance *Terra Encharcada*, de Jarbas Passarinho

When the sword “cuts” the feather: moral censorship in the novel *Terra Encharcada*, by Jarbas Passarinho

Francisco Américo Martins Moraes

Mestre em Estudos Literários

Universidade Federal de Rondônia

framerico@yahoo.com.br

Recebido em: 26/11/2019

Aprovado em: 20/12/2019

Resumo: Este trabalho, baseado no romance *Terra Encharcada*, publicado pela Editora Clube do Livro de São Paulo, em 1968, única obra de ficção escrita pelo então Ministro do Trabalho e Previdência Social, Coronel de Artilharia do Exército Brasileiro e político Jarbas Gonçalves Passarinho, cujo enredo original retratou casos de natureza sexual, sobretudo, homoafetiva entre seringueiros no interior da Amazônia paraense, procura esclarecer e demonstrar de que forma atuou a censura moral da Ditadura Militar (1964-1985). Por essa razão e, dentre outras, a referida editora, afinada às diretrizes ideológicas do Regime Militar, “operou” vários cortes no enredo de *Terra Encharcada* não só de natureza sexual, bem como de linguagem de baixo calão no ano subsequente a oficialização da censura sobre os livros e diversões públicas com a ortogação da Constituição Federal de 1967.

Palavras-chave: *Terra Encharcada*, Jarbas Passarinho, Censura.

Abstract: This work, based on the novel “Terra Encharcada”, published by “Clube do Livro Editora” of São Paulo in 1968, the only work of fiction written by the Brazilian Government Minister; Brazilian Army Artillery Colonel and politician Jarbas Gonçalves Passarinho, whose plot original portrayed cases of a sexual nature, especially homoaffective sexual among rubber tappers in the interior of the Paraense Amazon Forest, seeks to clarify and demonstrate how the moral censorship of the Brazil’s Military Dictatorship Government (1964-1985) acted. For this reason, and others, the publisher, agreeing with the ideological guidelines of the Military Regime, “made” several cuts to the plot of “Terra Encharcada” novel, not only of a sexual nature, but also of profanity in the year following the official censorship of books and public amusement with the orthogation of the Federal Constitution from 1967.

Keywords: *Terra Encharcada*, Jarbas Passarinho, Censorship.

Introdução

Em regimes autoritários, como o que ocorreu no Brasil entre os anos de 1964 e 1985, uma das primeiras providências é organizar e institucionalizar órgãos destinados a restringir a

liberdade de expressão e opinião, pois, tais práticas configuram “[...] uma forma de dominação pela coerção, limitação ou eliminação das vozes discordantes” (REIMÃO, 2014, p. 75). Com efeito, a censura passa a ser oficial, legal e prática diária posta em execução sobre todos os veículos de comunicação, informação e igualmente no campo da arte em todos os seus gêneros de expressão. As obras literárias foram, sem dúvida, um desses gêneros.

Na verdade, a censura pós-64 foi oficializada, segundo Sandra Reimão (2014, p. 75), somente a partir da outorgação da Constituição de 1967 e “[...] em geral exercida pelo Ministério da Justiça (MJ) por meio do Serviço de Censura de Diversões Públicas (SCDP), setor do Departamento de Censura de Diversões Públicas (DCDP)”. No entanto, Reimão (2014) ainda afirma que livros e revistas só passaram a ser examinados pelo DCDP a partir do ano de 1970.

Apesar disso, a “tesoura censória” (expressão tomada de empréstimo de MARCELINO, 2006) sobre os livros já atuava ativamente após o Golpe de 64. Isso foi percebido, por exemplo, por John Milton (1996) com relação à Editora Clube do Livro em seu artigo “As traduções do Clube do Livro”. Nesse artigo, Milton (1996, p. 58) notou que a citada editora – a qual “[...] fazia o máximo possível para manter boas relações com o governo militar após 1964” –, realizava cortes de referências sexuais, religiosas, políticas e escatológicas em todas as suas publicações que eram, em sua maioria, clássicos nacionais e estrangeiros, já desde o ano de 1943 – e, convém dizer, sem se importar com a integridade estética das obras.

Geralmente, nesse sentido, os prefácios e introduções das edições do Clube do Livro enfatizavam, de acordo com Milton (1996, p. 57), “[...] seu papel iluminador, trazendo cultura para o povo brasileiro. Sua intenção era recriar-lhes o espírito, ilustrá-lo e, quando possível, elevá-lo”. Porém, continua Milton, esse papel reconhecido

[...] foi solapado por fatores ideológicos, políticos e econômicos. Esse farol de cultura era uma empresa que tinha uma ligação forte com o regime militar (1964-1984), que não mostrava nenhum interesse nos fatores estilísticos das obras originais, que censura a obra original quando ela continha material considerado politicamente ofensivo ao regime militar, quando tinha referências escatológicas ou sexuais ou quando era necessário reduzir o original ao número padrão de páginas (180 páginas de 1960 até 1970 e 160, após 1970 [...]) (MILTON, 1996, p. 57).

Não por coincidência, uma das edições do romance *Terra Encharcada* pós-64, única obra de ficção escrita por Jarbas Gonçalves Passarinho (Coronel de Artilharia do Exército Brasileiro, político e um dos articulistas do Golpe Militar), foi publicada pela Editora Clube do Livro, em 1968, e com uma tiragem surpreendente de quase 30 mil exemplares, cujo alcance atingiu “[...]”

todo o território nacional, com um público leitor de mais de 100 mil leitores categorizados em nosso País” (NOVAES apud PASSARINHO, 1968, p. 7).

No entanto, tal informação acerca do sucesso de tão expressiva tiragem e de leitores de *Terra Encharcada* parece ser um tanto quanto suspeita, uma vez que a tiragem média para um romance, naquela época, girava em torno de 3.000 exemplares para um autor reconhecido e, além disso, grande parte das vendas da Editora Clube do Livro era destinada às bibliotecas públicas (MILTON, 1996) o que, em tese, não garantia um interesse genuíno do público leitor pela obra – não que o livro fosse ruim, pelo contrário, pois a obra foi agraciada com o mais importante prêmio literário do Estado do Pará, o prêmio Samuel Wallace Mac Dowell, em 1959. Mas não podemos nos abster de registrar o fato de que o autor era coronel do exército e Ministro do Trabalho e Previdência Social no governo do presidente linha dura Costa e Silva.

Provavelmente, portanto, a fim de não perder o filão das bibliotecas públicas, a referida editora deveria se alinhar às diretrizes ideológicas do Regime Militar para se garantir no mercado editorial o que, de um modo ou de outro, parece ter havido nessa “relação”, entre o Ministro Jarbas Passarinho e o Clube do Livro, o atendimento de interesses particulares de ambas as partes. Com efeito, a fim de esclarecer tais questões em torno do romance *Terra Encharcada*, faz-se necessário a apresentação de um resumo de seu enredo original e, em seguida, os pormenores de como a censura operou cortes que acabaram por ampliar os problemas estéticos da obra citada. Ressalta-se ainda que, neste estudo, não se fará análise estética, mas da atuação histórica da censura militar sobre uma obra literária, no caso, sobre o romance *Terra Encharcada*.

Resumo do enredo original do romance *Terra Encharcada*

A trama romanesca de *Terra Encharcada* desenrola-se em dois polos narrativos centrados em dois personagens nordestinos: Zé Luís e José Cesário. Ambos, castigados pela seca do Nordeste, e motivados por causas distintas além da seca, decidem migrar para a Amazônia em busca de uma ilusória vida melhor trabalhando no mercado da borracha.

É fugindo da morte que Zé Luís, o pai Oliveira e sua mãe (inominada pelo narrador) inauguram o drama de dores e angústias provocados pela seca no interior do sertão do Ceará. Por consequência, migram para Fortaleza em meio a uma verdadeira “maré” de retirantes igualmente imolados pela seca e miséria social. Às portas da cidade, Zé Luís e os pais são reunidos num precário acampamento destinado ao confinamento da imensa massa de flagelados, entre a promiscuidade e a insalubridade do lugar. Como consequência disso, os pais de Zé Luís contraem

febre tifóide e falecem. Sozinho e órfão no mundo, Zé Luís parte num vapor para os seringais do Pará.

José Cesário, por sua vez, provindo do interior do Rio Grande do Norte, viajava para Manaus com a esposa Alba e o filho Maneco com recursos próprios e mais seis companheiros. No vapor, Zé Luís e José Cesário se conhecem e fazem amizade. No entanto, quando a embarcação aporta em São Luís, José Cesário é preso pela polícia acusado pelo corrupto Simão Salim – aliciador de “brabos”, isto é, inexperientes no trabalho de coleta de látex da seringueira e no fabrico da borracha bruta –, de ser chefe do cangaço e que, por esse motivo, fugia para Manaus. Por consequência da prisão e de um sistema corrupto de captação de mão-de-obra, José Cesário, a família e seus companheiros são, por assim dizer, “sequestrados” para as terras do riquíssimo coronel de barranco Antônio Carlos – o barranco faz alusão às terras onde se localizavam os seringais, geralmente à margem dos barrancos dos rios amazônicos – no interior do Pará onde, juntamente com Zé Luís, trabalhariam no corte de seringa/fabrico de borracha na condição de escravos por dívidas.

Chegando a Arubatuba, sede dos domínios de Antônio Carlos, Zé Luís, José Cesário e os demais trabalhadores recém-chegados são separados e distribuídos pelas várias filiais mata adentro. Escolhido pelo gerente Loureiro, Zé Luís vai para o seringal “Cachoeirinha”, onde recebe uma “estrada” de seringa (que, geralmente, correspondia a uma determinada trilha na mata densa, na qual poderia conter de 30 a 50 árvores de seringueira) e passa a ser instruído no novo ofício pelo seringueiro “manso” (seringueiro experiente) Marcelino, o qual passa a assediá-lo sexualmente. Diante da rejeição de Zé Luís, Marcelino assedia outro companheiro de trabalho, o Manuel Sena, que viera junto com Cesário do Rio Grande do Norte e, assim, tornam-se amantes.

José Cesário, também separado da esposa e filho, é lotado no seringal Igarapé Taguari gerenciado por Manuel Lira. Contudo, ao saber que o filho ficara doente e que estava em condições precárias junto com a mãe em “Cachoeirinha” e, depois, em Arubatuba, Cesário arquitetava uma revolta junto com o amigo Calixto, pois não se conformava com a separação de sua família nem com o tratamento que dispensavam a ele e aos seus. Diante disso, Cesário, usando sua grande capacidade de liderança e persuasão, e com a ajuda de Calixto, vai dominando pacificamente as filiais uma a uma.

Ao atingir “Cachoeirinha”, Cesário resgata Zé Luís na “estrada” onde trabalhava. Marcelino, que não pretendia aderir à revolta, ao perceber que seu amante o deixaria, mata

Manuel Sena e em seguida se suicida. Depois do trágico episódio, cerca de 500 homens sob a liderança de Cesário seguem para dominar Arubatuba e acertar as “contas” com o coronel Antônio Carlos. Diante dele, Cesário toma posicionamento enérgico e resoluto. Senhor de uma pretensa infalibilidade calcada em sua fortuna e influência política, Antônio Carlos, em particular, tenta subornar Cesário por duas vezes que, naturalmente, não cede e em tom imperativo, exige a Antônio Carlos designasse um empregado de “categoria” (espécie de funcionário de reconhecida experiência e conhecimento em determinada função administrativa (NOGUEIRA, 2015) a fim de acompanhá-los até Belém para acertar as notas de despesas com eles na capital.

Em seguida, os revoltosos embarcam no vapor “Cidade de Alenquer” e partem para Belém. Contudo, assim que a embarcação zarpa de Arubatuba, Antônio Carlos telegrafa para o Governador avisando-o que havia ocorrido uma revolução em suas terras, provocada por cangaceiros que por lá estavam como seringueiros, os quais haviam matado, saqueado fazendas e estavam baixando para Belém muito bem armados. Em pouco tempo, portanto, a notícia se espalhou rapidamente pelos jornais deixando a cidade em polvorosa. As autoridades ficaram, pois, de sobreaviso aguardando a chegada dos revoltosos.

Entre outros pormenores, Noel, advogado e filho de Manuel Lira, gerente do seringal Igarapé Taguari, intercedeu pelos amotinados na condição de testemunha ocular das injustiças perpetradas nas terras do coronel Antônio Carlos. A defesa de Noel fora veiculada nos jornais da capital, fato que atraiu a solidariedade da população pelo sofrimento dos fugitivos de Arubatuba, ora prisioneiros das autoridades em Belém.

Por fim, todos foram liberados. Sem dúvida, a revolta de Cesário, geniosamente “arquitetada” e inusitadamente pacífica, foi extremamente exitosa. José Cesário, a família, Zé Luís e os amigos – com exceção, é claro, de Manuel Sena que fora morto por Marcelino – regressam de volta ao Nordeste contrariando o destino de morte nas terras encharcadas da Amazônia.

A atuação da “tesoura censória” no romance *Terra Encharcada*

Como não poderia ser de outra forma, a “tesoura censória” do Regime Militar atuou sofregamente operando cortes substanciais, sobretudo, de cunho sexual em *Terra Encharcada* – aquiescido e autorizado pelo próprio autor. Em suas memórias, *Um híbrido fértil*, Passarinho afirma que o escritor e presidente do Clube do Livro de São Paulo, Mário Graciotti, “tomado de certa tendência puritana”, pediu-lhe autorização para publicar uma edição de *Terra Encharcada*,

mas que concordasse em suprimir uma passagem “[...] meramente insinuada, de pederastia no seringal” (PASSARINHO, 1996, p. 345). Mas o corte não se resumira tão-somente a isso.

Houve, em realidade, uma verdadeira “peneira” em toda a obra que resultou no corte de toda e qualquer insinuação sexual ou ataque à moral e bons costumes: desde a substituição de adjetivos “picantes” por outros mais “comportados”, até a supressão de passagens inteiras que, de uma forma ou de outra, compromete a compreensão integral do romance quando se lê apenas a versão adulterada pós-64, pois é possível perceber várias “pontas” soltas em todo o enredo. Com efeito, supõe-se que isso ocorreu com *Terra Encharcada* a fim de a obra ser encaixada dentro de um padrão moral daquilo que os militares consideravam como literatura “limpa” e de “valor” e, assim, evitar de ser taxada de imoral conforme o romance *Dona Flor e seus dois maridos*, de Jorge Amado (MARCELINO, 2006) e, dentre outros, reunidos numa espécie de *index* da censura militar: uma lista de mais de 500 obras proibidas à época do governo do Presidente Geisel (SILVA, 2010).

De fato, os cortes da censura operaram certo desequilíbrio na compreensão geral do enredo de *Terra Encharcada* contribuindo, com isso, por ampliar os problemas estéticos da obra. Talvez isso não seja percebido por um leitor desatento, mas no caso contrário, o leitor terá no mínimo uma sensação de estranheza, de dúvidas em algumas passagens da obra. O caso mais evidente recai sobre a personagem de Zé Luis, pois este, no texto adulterado, recebe quase toda a atenção do narrador nos primeiros capítulos, o que dá ao leitor uma falsa certeza de ser ele a personagem-protagonista. Contudo, tal certeza vai se desvanecendo gradativamente quando o narrador apresenta José Cesário, já a partir do segundo capítulo, quando o mesmo conhece Zé Luís na embarcação que os levariam de Fortaleza para a cidade de Belém e, daí em diante, quase que desaparece completamente no momento subsequente à entrada deles nos seringais do coronel Antônio Carlos.

À primeira vista, sem o conhecimento dos cortes da censura, isto pode nos parecer uma falha no enredo de *Terra Encharcada*. Mas não, pois no texto original pré-64 podemos perceber dois polos narrativos que, vez por outra, se encontram. Um dos polos narrativos se ocupa do jovem adolescente Zé Luís desde o seu drama da seca no Ceará e o seu esforço de se desvencilhar do assédio homoafetivo por parte do seringueiro experiente Marcelino nas terras do coronel. E o outro polo, foca em José Cesário com seu drama pessoal e familiar, cujo fato culminaria na liderança de uma rebelião que os libertariam do cativo na Amazônia ensejando-lhes o retorno para o Nordeste.

Antes, porém, de apresentar os cortes mais importantes detalhar-se-á algumas alterações que não comprometeram a compreensão do enredo de *Terra Encharcada*, mas que – alguns – “maculavam” a moralidade ilibada preconizada pelos militares. Nesse sentido, uma das alterações que se nota na versão original pode ser percebida no capítulo III (da edição da Falangola Editora) quando José Cesário, preso em São Luís acusado por Simão Salim de ser chefe do cangaço no Rio Grande do Norte, recebe a visita do advogado Chico Alencar na delegacia oferecendo-lhe os seus serviços desde que ele, Cesário, se colocasse “sob a proteção do **Senador** Antônio Carlos” (PASSARINHO, 1960, p. 24) [Grifo meu]. A mudança nesse trecho, pois, se daria na simples substituição do pronome de tratamento **Senador** para **Coronel**. [Grifos meus] A partir daí, Antônio Carlos, sempre que citado nas edições adulteradas, será chamado de coronel ou de senhor (**Sr.**).

Outra pequena alteração, que se vê em algumas passagens da obra, se dá na substituição ou eliminação de adjetivos com um tom mais agressivo/ofensivo, isto é, oriundos de uma linguagem de baixo calão ou picante, ligado, obviamente, a referências sexuais – e também substituições de substantivos. No final do capítulo IV (do texto original) vê-se a passagem em que Duca Neno, gerente de negócios do coronel Antônio Carlos em Belém, discutia com amigos o problema da crise da borracha amazônica no mercado internacional. Quase ao final da conversa, um corretor de nome Henrique toca no assunto do roubo das sementes de seringueira pelo botânico inglês Sir Henry Alexander Wickham (JACKSON, 2011) que seriam plantadas nas colônias britânicas na Ásia que, conseqüentemente, pôs a borracha amazônica em crise e inevitável decadência: “– E dizer-se que daqui do Pará, deste mesmo porto de Belém saíram as sementes, que o inglês **safado** levou pra Grã-Bretanha, pra desgraça nossa!” (PASSARINHO, 1960, p. 32) [Grifo meu].

Nos textos modificados do Clube do Livro e demais editoras que publicaram *Terra Encharcada* pós-64, com efeito, o adjetivo “**safado**” foi naturalmente retirado. Vejamos isso na última edição de *Terra Encharcada*, publicada em 2001: “– E dizer-se que daqui do Pará, deste mesmo porto de Belém, saíram as sementes que o inglês levou pra Grã-Bretanha, pra desgraça nossa!” (PASSARINHO, 2001, p. 74). Mais adiante, o exemplo acima se repete no capítulo VI quando encontramos Antônio Carlos enfurecido pelas notícias dos jornais de Belém que o acusavam de explorar retirantes miseráveis em suas propriedades. Assim ele se expressa: “– **Uns porcos**, uns canalhas! Ah! os bons tempos, em que se fazia um sacripanta desses engolir, a porrada, o artigo inteirinho, feito pílulas” (PASSARINHO, 1960, p. 42) [Grifos meus]. Não por

acaso, encontramos o mesmo trecho na edição do Clube do Livro, de 1968, e demais editoras, da seguinte forma: “– Uns canalhas! Ah! os bons tempos, em que se fazia um sacripanta desses engolir, a porrada, o artigo inteirinho, feito pílulas” (PASSARINHO, 1968, p 50).

Quanto a substituições de substantivos e de adjetivos, ao mesmo tempo, podemos citar, ainda no capítulo VI, a seguinte passagem em que se vê o duro capataz Ferreira provocando Calixto, o fiel amigo e braço direito de Cesário na revolta que se daria no desfecho da obra:

– Mais depressa, seu “brabo”. Não **gêma** não, que isso é coisa pra homem. Êpa, quem mandou parar? Vagabundo aqui não come!

Cesário notou a irritação crescente de Calixto. Procurou falar-lhe, mas não houve tempo. Já o capataz, de pajeú à cinta, o interpelava:

– Por que leva uma táboa só? Não sabe que são duas?

E provocante:

– Ou suas mãos são de **fêmea**?

O olhar de Calixto era um desafio. Parado, defronte do outro, sua expressão era de menosprêzo. Irritantemente calmo, replicou, devagar:

– De **fêmea** ou não, elas servem para esganar cabra **safado** (PASSARINHO, 1960, p. 43-44) [Grifos meus].

Na edição do Clube do Livro de 1968, com efeito, o trecho acima aparece com as devidas alterações nos substantivos, adjetivos e até mesmo de alguns verbos:

– Mais depressa, seu “brabo”. Não **vá gemer**, não, que isso é coisa pra homem. Êpa, quem mandou parar? Vagabundo aqui não come!

Cesário notou a irritação crescente de Calixto. Procurou falar-lhe, mas não houve tempo. Já o capataz, de pajeú à cinta, o interpelava:

– Por que leva uma tábua só? Não sabe que são duas?

E provocante:

– Ou suas mãos são de **mulher**?...

O olhar de Calixto **parecia** um desafio. Parado, defronte do outro, sua expressão era de menosprêzo. Irritantemente calmo, replicou, devagar:

– De **mulher**, ou não, elas servem para esganar cabra **ordinário** (PASSARINHO, 1968, p. 52) [Grifos meus].

Agora vamos aos trechos cortados pela “tesoura censória” quanto aos casos de natureza sexual. Assim, a fim de resgatar e ampliar a compreensão do enredo original de *Terra Encharcada* reproduzirei integralmente os trechos mais relevantes cortados pela censura. O primeiro trecho suprimido acontece, pois, no capítulo V, o qual sugere um caso de adultério de uma mulher casada de nome Nair com o coronel/senador Antônio Carlos. Desse relacionamento nasceu um menino que fora batizado de Pinheiro (“Pinheirinho”), que mais tarde se tornaria comandante de uma das embarcações da frota de Antônio Carlos. Nair e o marido – cujo nome o narrador não revela, mas diz que era “um alcoólatra incorrigível” – eram empregados do coronel em

Arubatuba. Quando Nair falece – o narrador não revela o destino do marido, se morreu ou não – Antônio Carlos leva o menino para sua casa dizendo o seguinte para sua irmã:

– Amélia, – disse à irmã solteirona, que lhe governava a casa –, êste menino é filho de Nair, que morreu há uma semana. É meu afilhado, vem morar conosco. Quero fazer dele um homem.

Bem viu que o sorriso de Amélia não era amigável, mas sarcástico.

– Filho da Nair, não?

Pareceu mirá-lo de cima a baixo, com o mesmo riso de mofa e perguntar com maldade:

– Não achas que êle tem traços teus, de nossa família? A boca, então, é sem tirar nem pôr a do tio Alberto.

– Coincidências, mulher – cortou Antônio Carlos – ou invenções dos teus olhos.

O incidente pareceu encerrar-se ali. Mas não para êle (**Pinheirinho**) que, daí por diante, ouviria a irmã de Antônio Carlos, repetidas vezes, comentários picantes sobre a semelhança fisionômica (PASSARINHO, 1960, p. 36-37) [Grifo meu].

Em particular nesse trecho, não parece ficar tão evidente – aos “olhos” da censura – o possível caso de adultério de Nair com o coronel, na insinuação irônica de Amélia quando sugere que a criança possuía traços de seu irmão e da família, como ao tio Alberto, por exemplo. Porém, ao trecho subsequente, que fora suprimido, sem dúvida, haveria a confirmação para os leitores o caso de adultério. Certamente, por este motivo, o citado excerto não estaria na edição do Clube do Livro e nas futuras edições de *Terra Encharvada*. Vejamos as observações do narrador através das memórias de Pinheirinho sobre esse caso:

Certo dia, que nunca pôde entender, Antônio Carlos reagira de modo inesperado. A irmã tornara a chamar-lhe a atenção para as feições do afilhado:

– Andei revendo uns álbuns de família, mano. O teu afilhado é a tua cara, quando tinhas uns 12 anos.

– É? – perguntou Antônio Carlos, como quem está desinteressado. – Pois então o melhor é que êle te chame tia.

E o que parecia um gracejo, tornou-se imperioso cumprir, porque o **Senador** fêz disso questão fechada.

A reação de Amélia foi constante e, por vezes, impiedosa (PASSARINHO, 1960, p. 37) [Grifo meu].

De todo modo, Antônio Carlos, tanto no original como no texto pós-64, jamais admitiu o caso abertamente e sequer reconheceu Pinheirinho como seu filho legítimo, senão como afilhado. Mas a questão ficou no ar, sutilmente explícita, sugestiva, indicando a relação de adultério. Caso semelhante, porém mais grave, se dá no capítulo IX que faz referência a uma relação afetivo-sexual entre um dos gerentes de Antônio Carlos, o Manuel Lira, homem casado e já quase idoso, e uma jovem adolescente de nome Raimunda que, para melhor entendermos essa

relação, faz-se necessário sabermos como ela era fisicamente. O narrador a descreve da seguinte forma:

O físico de Raimunda traía a adolescência de privações. Corpo de menina raquítica. Os seios mal se delinearam. A opilação e o impudismo haviam-lhe emprestado à cútis o tom macilento. O pé aleijado, torto por defeito congênito, obrigava-a a claudicar penosa e ridiculamente. Nem assim, porém, os homens do seringal do Taguari deixavam-na em paz. Convites, gestos obscenos, insinuações grosseiras, tudo ela sofria sem reclamos. A disputa foi permanente (PASSARINHO, 1968, p. 63).

Em seguida, o narrador descreve o interesse de Manuel Lira por Raimunda:

A princípio, Manuel Lira não lhe reparou senão o andar coxeante. Depois, motivado pela concupiscência, começou a desejar ver, naquele pobre corpo, mais do que os andrajos, normalmente, permitiam ver.

Um beliscão, uma apalpadela audaciosa, e Raimunda protestava sem calor:

– Não bula na gente, seu Lira. Tenha modos.

Por fim, afastou o restinho de escrúpulo. Sentiu-se nada à vontade, diante da indiferença da cabocla. Parecia distante, alheia, sem participar daquele jogo amoroso, em que ele se descobria desajeitado, meio cretino:

– Vem comigo, que eu te vou dar uma boneca bonita, como nunca viste na tua vida (PASSARINHO, 1968, p. 63).

É exatamente neste ponto que o corte é operado suprimindo um trecho razoável que revela um relacionamento sexual que, fosse nos dias atuais, chamaríamos de pedofilia:

A consciência, quase esmagada, ainda falou:

– “És um bode velho. Ela tem idade de ser tua filha”.

Lúbrico, tomado da obsessão da posse, colheu-lhe a virgindade. E passaram a morar juntos.

Gaudêncio, feito caixeiro no armazém, controlava os garrafões de cachaça, livre para tomar seus tragos sem dar satisfação a ninguém.

A pequena Raimunda tornava, agora, mais suportável com seu calor juvenil, a solidão das noites de Lira, que fazia desabrochar, numa verdadeira e exótica floração, a árvore, já exausta, dos seus amores (PASSARINHO, 1960, p. 56).

Embora o trecho acima, como se vê, não mostre nada de mais explícito no tocante a alguma imagem erotizada, no entanto, foi cortada pela censura certamente por retratar uma relação adúltera de um homem casado e bem mais velho com uma adolescente mal saída da infância (o narrador não revela sua idade) – cujo pai, Gaudêncio, pelo fato de sua filha estar mantendo uma relação amorosa com o chefe, acaba se beneficiando disso dando vazão ao seu alcoolismo no barracão do seringal Taguari –, o que, em última instância, arranharia a máscara da hipocrisia da moral e dos bons costumes do Regime Militar.

Vale dizer também – abrindo-se aqui um parêntese –, sobre a questão da escassez/falta de mulheres nos seringais. Da forma em que Jarbas Passarinho a aborda, tomando Raimunda como exemplo, retrata a situação lamentável das poucas mulheres que poderiam se encontrar nos seringais amazônicos. Com efeito, as descrições físicas e a condição de mulher de Raimunda no seringal, feita pelo narrador, entra em consonância com o que afirma o escritor, historiador e crítico amazonense Márcio Souza acerca desse assunto:

A presença feminina no seringal era rara e quase sempre em sua mais lamentável versão. Para os seringueiros isolados na floresta e presos a um trabalho rotineiro, geralmente homens entre vinte e trinta anos, portanto premidos pela exigência do seu vigor, a contrapartida feminina chegava sob a forma degradante da prostituição. Mulheres velhas, doentes, em número tão pequeno que mal chegavam para todos os homens [...] (SOUZA, 2010, p. 108).

Prostituta, é evidente, não era a condição de Raimunda, pois entende-se que ela deva ter nascido no seringal e não trazida de outro Estado para aquela finalidade – como era comum ocorrer em muitos seringais, uma vez que o próprio narrador de *Terra Encharcada* confirma esse fato quando afirma que a esposa de Cesário, Alba, havia sido alojada em Arubatuba num barracão de “marafonas”, cujo substantivo, naquelas paragens, fazia referência pejorativa a prostitutas. Ao saber disso, Cesário se enfurece ainda mais e decide adiantar os preparativos para a rebelião.

Voltando a Raimunda, o que salta aos olhos, na verdade, era a cobiça/desejo sexual que ela despertava nos homens do seringal Igarapé Taguari e, em especial, no gerente Manuel Lira, não obstante a sua condição física lamentável. Dito isto, o narrador, no capítulo XII, retoma o caso Manuel Lira/Raimunda onde, naturalmente, ocorreu novo corte por reforçar a relação adúltera de Manuel Lira. O narrador, no entanto, não encerra o caso Raimunda/Lira. Volta a ele no capítulo XVIII quando José Cesário e Calixto, mais cerca de 500 pessoas, dominam o seringal Taguari administrado por Manuel Lira.

É nesse capítulo que o leitor atento percebe mais fortemente outra ponta solta – deixada pelo corte da censura – da relação Manuel Lira/Raimunda, pois não se pode compreender detalhadamente porque Lira, diante de Cesário, suplica a Raimunda que não o abandone. Apesar disso, Raimunda deixa-o alegando que ele, Manuel Lira, não poderia dar a ela o que desejava: “Eu quero ser mãe” (PASSARINHO, 1968, p. 106). Em seguida, Raimunda, do que se afere, engrossa a multidão liderada por Cesário em direção à liberdade na cidade de Belém.

Contudo, o dano mais drástico no enredo, ou seja, o corte mais substancial se daria mesmo no caso de assédio homoafetivo do seringueiro Marcelino sobre Zé Luís que, ao ser por este rejeitado, realiza seus desejos sexuais com o outro companheiro de trabalho, o Manuel Sena advindo de Caicó (RN) com José Cesário. Vamos finalmente, agora, a esse caso. É, pois, nos dois primeiros parágrafos do capítulo X da versão original, cortados pela censura nas edições pós-64, que o narrador começa a descrever as primeiras impressões de Zé Luís acerca do comportamento exagerado e afetado de Marcelino por ele:

Zé Luís vinha notando o exagerado interesse de Marcelino por si. A princípio supôs que os cuidados e as ajudas tão freqüentes fôssem pena pela sua idade (**16 anos**). Mesmo sem revelar qualquer antipatia por Sena, Marcelino deixava clara a sua preferência por Zé Luís. Dera-lhe assistência por mais tempo no corte, e embora ele já soubesse defumar quase tão bem quanto o mestre, sempre encontrava jeito e ocasião de retocar os ensinamentos. Pela manhã, continuava a chamá-lo, a despertá-lo com brandura, quase com carinho. Sena, esse que despertasse por si mesmo.

Zé Luís ficou encabulado, com vontade de dizer a Marcelino que não se preocupasse tanto, pois que já era um homem e ali estava para fazer exatamente o que todos os outros faziam. Mas não encontrou modo de executar seu pensamento. Temia ser rude com quem lhe oferecia amizade. E acabou concluindo que era isso mesmo, era amizade e só lhe cabia agradecer e corresponder aos sentimentos desse bom amigo (PASSARINHO, 1960, p. 61) [Grifo meu].

Neste ponto, o narrador meio que interrompe o detalhamento desse caso para descrever as atividades triviais do trabalho da produção de borracha, sobretudo, do sucesso da pesca de um peixe-boi. Depois, o retoma no capítulo seguinte, ocupando-se dele do meio até o final:

Caminhando pela “estrada”, no escuro da madrugada umbrosa, Zé Luís estranhou a presença de Marcelino. A insistência em ajudá-lo deixava-o contrafeito. Já começava a molestá-lo a presença constante do outro, a clara preferência que ele lhe dava. Embora não desejando ser grosseiro, perguntou, rude:

– Que fazes aqui, Marcelino?

O companheiro, um sorriso desajeitado posto nos lábios trêmulos, o olhar medroso rodando no chão, respondeu:

– Vim dar uma olhada, “Luizinho”.

Não vinha gostando dessa deturpação carinhosa do seu nome. Há alguns dias já que Marcelino se saíra com esse negócio de “Luizinho”. Notara, até, uma ponta qualquer de malícia no modo como Sena o encarou, ao ouvir esse diminutivo afetuoso. Resolveu aproveitar o ensejo:

– Olha aqui, Marcelino, não gosto dessa história de mudar meu nome. Se tu és meu amigo me chama, como todo mundo, pelo nome que eu tenho.

– Bobagem, “Luizinho”. Eu quero ser diferente dos outros porque gosto mais de ti do que os outros. Me deixa te chamar de “Luizinho”.

Zé Luís com o rosto contraído, estava justamente a fixar uma tijelinha no rebordo da ferida na seringueira. Marcelino chegou-se mais perto e Zé Luís

supôs vê-lo ligeiramente a tremer, quando lhe segurou a mão para corrigir a posição. Compreendeu, então, que Marcelino exagerava a lição, e que a nova situação nada tinha de melhor. Ia protestar quando sentiu o corpo do outro, como que naturalmente, roçar-se no seu.

Inquieto, meio aturdido, começou a caminhar. Já não prestava atenção nem ao caminho, nem ao serviço. Seu cérebro fervia em pensamentos desordenados. A revolta misturava-se a estranhos e novos desejos que jamais pensara ter. Ao mesmo tempo, crescia-lhe a impaciência, o temor de estar enganado, formulando pensamentos injuriosos. Logo, porém, a memória lembrava:

– “E o peixe que ele lhe trouxera? E aquêlê cuidado, vindo vê-lo na rêde, a perguntar-lhe, à noite, se estava bem agasalhado?”.

A consciência, porém, argumentava:

– “Tudo isso nada prova. E, se provar, nem se sabe quais são as verdadeiras intenções”.

Só aí Zé Luís sobressaltou-se. Ocorrera-lhe uma hipótese nova, inquietadora. Ligou tudo à sua pouca idade, ao seu corpo de adolescente. Recordou-se de que, insistentes vêzes, Marcelino se referira, em conversa no “taperi”, ao seu rosto sem barba:

– “Parece o rosto de uma fêmea”.

Sena, meio rindo, ajuntara:

– “Que ninguém se engane com a cara dele”.

Percebendo tudo isso, olhou rapidamente para Marcelino e tranquilizou-se, quando o viu desarmado. Acariciou o rifle e voltou-se para Marcelino:

– Acho melhor tu ires embora. Tens tua “estrada” e eu sei cuidar da minha, sozinho.

Notando-lhe as feições alteradas e o tom de voz agressivo, Marcelino ainda sorriu e reclamou:

– Que diabo é que te deu, rapaz, então eu estou te fazendo algum mal?

Zé Luís, num instante, apanhou a frase e calculou se valia a pena mostrar que estava entendendo tudo. Depois, indeciso, julgou que poderia ser inconveniente. Já o outro insistia:

– Que é que tens, hoje? Por que essa prosa de que sabes fazer tudo sozinho? Isso é bobagem, “Luizinho”.

Exasperado, Zé Luís voltou-se num movimento brusco, porque Marcelino de novo se aproximava, com os olhos mostrando um brilho estranho, o corpo meio gingando. Segurou o rifle em atitude ameaçadora e intimou:

– Volta daqui Marcelino, volta daqui, ou...

Não terminou a frase. Ficou atoleimado. Em lugar do atrevimento que esperava, viu os olhos de Marcelino marejarem e, como colhido por brutal tristeza, afastar-se com um ar de cão desprezado e enxotado. Baixou a arma, considerou por um momento a figura amargurada do outro, afastando-se de cabeça baixa, e impregnou-se de uma desolação avassaladora. Teve vontade de chamá-lo, gritar-lhe pelo nome e correr atrás dele, para desfazer aquêlê gesto que, agora, reconhecia estúpido. Afinal, de que poderia acusá-lo? De que? Mas a boca ficou fechada, como se uma fôrça superior impedisse a execução que o cérebro ordenava ao corpo. Parado, no meio da “estrada”, viu Marcelino desaparecer na curva, humilhado e infeliz (PASSARINHO, 1960, p. 67-69).

Aqui, o narrador novamente dá nova pausa retomando-o no capítulo XIII que, com o corte, ficara reduzido de 6 para apenas 2 páginas nas edições pós-64:

O desaparecimento de Marcelino inquietou profundamente Zé Luís. Abalado, supondo-se responsável, demonstrou tanto a sua perturbação que Sena, à tardinha, não se conteve e perguntou o que havia. Zé Luís contou-lhe o incidente da manhã, na “estrada”, ocultando o que lhe parecia comprometedor.

Sena gostava de Zé Luís. Além disso, havia a recomendação de Cesário:

– Olhe por Zé Luís, que é quase uma criança.

Sena inquiriu:

– É isso que te preocupa tanto?

– Sim, porque afinal eu respondi com ingratidão a uma prova de amizade.

– Deixa estar. Êle volta e ainda vai te pedir desculpas, tornou Sena, tranquilo e terminante.

Ainda que Zé Luís insistisse em saber porque, Sena não explicou. Sorria apenas. Um sorriso entre divertido e malicioso.

Por fim, já noite, terminaram a defumação. Sena, cansado e suarento, desceu ao igarapé para o banho. Zé Luís ouviu passos. Voltando-se, viu Marcelino, que caminhava para a barraca. Estêve a ponto de correr ao seu encontro e dizer-lhe tudo aquilo que, por tantas vezes, havia ensaiado, durante o dia. Ficou parado, dominado por um nervosismo estranho, que teimava em mantê-lo inerte, sem esboçar um gesto, sem articular uma palavra.

Marcelino sorriu, um pouco desconfiado ao vê-lo e subiu a escada.

– “Luizinho” não está de mal comigo, não é?

Então Zé Luís venceu a inibição e protestou:

– Ora, Marcelino, eu é que fui grosseiro contigo. Estive à tua espera todo êste tempo...

Marcelino cortou:

– Eu queria que o “Luizinho” me desculpasse.

Abraçaram-se satisfeitos. Marcelino, exultante, foi afogar a comoção na ardência de um trago de cachaça. Depois, puseram-se a conversar sôbre a borracha, as provisões que já rareavam e a produção crescente de Sena. Êste, ao voltar do banho, deparando com os dois companheiros no colóquio animado, pilheriou com Marcelino:

– Então, fazendo feriado hoje, não?

Marcelino corou, baixou os olhos e, perturbado, alinhavou uma explicação flagrantemente falsa.

À noite, Zé Luís acordou sobressaltado. Virou-se, rápido, na rêde, e nada viu. Levantou-se. Inspeccionou o “taperi”. A rêde de Marcelino, porém, parecia mover-se brandamente. Nenhum sinal de bicho selvagem que, mais ousado, tivesse penetrado na cabana. Fracassadas as buscas, deitou-se novamente, jogando as varandas da rêde, cruzadas, sôbre si.

Não havia retomado o sono quando passos abafados caminharam em sua direção. Resolveu esperar, fingindo dormir.

Cauteloso, assustado, voltando a cada instante a cabeça para trás, Marcelino, semi-nu, chegou frente à rêde de Zé Luís, refletindo indecisão. Estêve, assim, por algum tempo. De súbito, porém, resolveu-se. Segurando com mansidão as abas rendadas da rêde, puxou-as docemente de cima do corpo do rapaz. Abaixou-se, reparou-lhe o rosto e pareceu satisfeito por julgá-lo dormindo.

Músculos retesados, os nervos tensos, a palpitação acelerada fortemente, Zé Luís aguardava que o outro se definisse. Quando a mão de Marcelino, ágil, extremamente leve, correu em apalpadelas superficiais na sua região pubiana, Zé Luís sentiu asco e revolta. Enfurecido, flexionou as pernas e levou-as ambas, com violência, de encontro ao busto nu de Marcelino.

A pancada, surda e forte, reboou um instante no silêncio da noite. Sena mexeu-se, mas não pareceu acordar. Zé Luís, em atitude desafiadora, se punha de pé num segundo. Marcelino, ressabiado, olhou-o com desprêzo e falou, num cochicho:

– Ingrato!

Depois, mergulhou na sua rêde e pareceu cair, em pouco tempo, em sono profundo.

Embalando-se, alvoroçado, sentindo-se sufocar, Zé Luís não mais conciliou o sono.

Tinha nojo (PASSARINHO, 1960, p. 75-77).

Em nova pausa, o narrador descreve a reação que a carta de Alba havia causado em seu esposo Cesário relatando-lhe sobre a doença do filho e as dificuldades crescentes em Arubatuba, além de mostrar a propensão de Calixto à vingança contra as pessoas que o colocaram na situação de semiescraavidão em que vivia, mesmo sob a ameaça de ser “varado por uma bala de 44”. Em seguida, volta a Zé Luís:

Zé Luís passou alguns dias sem encarar Marcelino. Levantava-se mais cedo, pela manhã, de modo a evitar que tomassem café juntos. À tarde, na ocasião de defumar, fazia o seu fogo mais longe.

Os seus sentimentos eram confusos. Não esquecia os benefícios e os cuidados que recebera do outro. Repelia, todavia, a benevolência no julgamento do proceder de Marcelino. Para êle, era infame. Simplesmente infame. Punha-se a conjeturar, por largo tempo, como era possível que aquêle homem, vigoroso, másculo no enfrentar os múltiplos terrores da selva hostil, pudesse degradar-se tanto. Pior que isso, causava-lhe ódio o cinismo revoltante com que o via olhá-lo e falar-lhe, após o incidente da noite, como se nada houvera acontecido. Nessas poucas ocasiões teve tal repugnância, que por pouco não perdeu o contrôle, lançando-se sôbre êle, a esbofeteá-lo. Longe dêle, sem a desvantagem da sua presença física, inclinava-se a desculpá-lo, a compreender, mesmo, as suas fraquezas. Tinha mêdo de ser exagerado e mau. Lembrava-se dos pais, na vida de dificuldades do sertão. Renasciam, na sua alma, as restrições que sempre fizera ao pai, o horror que lhe tinha pela idéia precisa e terrível que êle lhe transmitia de uma severidade doentia. Estaria incorrendo no mesmo êrro? Numa conjuntura como essa, qualquer outro se sairia bem, sem mortificação moral, sem choques violentos que provinham da timidez de ser grosseiro e da necessidade de ser decente. Enfim, sentia-se incapaz de dar por encerrado o incidente, com o ponta-pé que, num momento de indignação profunda, aplicara em Marcelino. Agora, porém, com os nervos controlados, sentia-se vítima de um mal estar indefinível, de uma angústia que lembrava a dos acontecimentos ainda recentes, no Ceará, e que se enganara supondo morta.

Pensou em falar a Sena, referir-lhe o ocorrido, desabafar. Assim diminuiria a tensão que o oprimia. Talvez vencesse a suas preocupações e abrandasse a contínua agitação do cérebro e o choque dos sentimentos. Logo, porém, mudou de idéia. Não era justo, não era correto contar o que se passara. E mergulhava, outra vez, na confusão que teimava em abalar-lhe os nervos.

Dias depois, resolvera-se Zé Luís a procurar Sena e pedir-lhe conselhos. Entrou a perseguí-lo a idéia de uma desforra de Marcelino. O diabo estava em conseguir uma oportunidade de conversar com Sena. Enquanto não a tinha, pôs-se a observar, disfarçadamente, os movimentos de Marcelino. Viu-o muito

chegado, agora, de Sena. Era natural – concluía – já que não devia ter coragem de reaproximar-se. Não estranhou, mesmo, o tratamento afetivo que se deslocara, então, para o “Seninha”, já que os diminutivos eram muito próprios de Marcelino. A possibilidade de encontrar Sena a sós era, cada vez, mais remota. Marcelino estava assíduo como nunca ao serviço e, embora a sua produção não fôsse senão pouco menos que insignificante, jamais lhe vira tal atividade (PASSARINHO, 1960, p. 78-79).

O narrador, aqui nesse ponto, prossegue suas descrições que estão em todas as edições de *Terra Encharcada*, mas, agora, voltado para outras questões triviais de pouca relevância para o drama pessoal de Zé Luís. Contudo, no final do capítulo da edição original, volta a tocar no assunto, cujo trecho fora cortado:

À noite, sem poder dormir, Zé Luís meditava sobre a estranha conduta de Sena, permitindo que Marcelino lhe fizesse o trabalho. Entrando pela noite alta, insone, prêso a luta dos seus sentimentos, teve a atenção despertada para um ruído abafado, de passos cautelosos. Virou-se, para verificar o que se passava. Viu a rêde de Marcelino vazia e pôde notar, ainda, quando êle, nu, deitava-se mansamente na rêde de Sena.

A brisa suave que atravessava a barraca pareceu-lhe de fogo, cáustica, asfixiante.

Sem poder explicar por que, oprimido, sentiu uma tremenda vontade de chorar (PASSARINHO, 1960, p. 81).

Depois desse ocorrido, o narrador se ocupa de Cesário e o problema de sua família no capítulo XIV. Só volta ao trio Zé Luís/Marcelino/Sena no capítulo XV de onde é cortado o segundo parágrafo do texto original. Nele, o narrador – não sem deixar sua opinião sobre o caso – descreve a satisfação sexual de Marcelino com o Sena da seguinte forma:

Feliz na satisfação de suas **perversões sexuais**, esmerava-se, agora, em cumular de cuidados o companheiro. Frequentemente insistia em fazer o trabalho de ambos, enquanto Sena gozava de uma ociosidade há muito não desfrutada (PASSARINHO, 1960, p. 87) [Grifos meus].

Convém comentar que, sem o conhecimento desse trecho, não é possível ao leitor compreender o comportamento estranho de Marcelino e de Manuel Sena, pois o primeiro passa a trabalhar na coleta/produção de borracha de sua “estrada” como na do companheiro Sena. Este, por sua vez, não fora trabalhar porque ficara na barraca desfrutando a tranquilidade de sua rede. O estranhamento não se explica naturalmente porque é sabido que nos seringais, geralmente, o seringueiro que não produz borracha o barracão não lhe fornece os mantimentos, ou seja, os aviamentos. Tal assertiva se confirma quando um fiscal do gerente Loureiro de nome Hermógenes surpreende Sena gozando sua doce ociosidade sem o leitor saber, de fato, o porquê disso, uma vez que a chave para entendê-lo foi retirada pela censura.

Um pouco mais adiante, ainda no capítulo XV, o narrador descreve, noutra trecho cortado, o estado de angústia de Zé Luís diante da própria situação de autoisolamento e da relação de Marcelino e Sena que, para ele, parecia ser inaceitável:

Há muito que vinha se alimentando mal, constrangido com a ligação dos dois companheiros. Pouco lhes falava. Tinha desejos de esbofetear a ambos, para si igualmente cínicos, igualmente desprezíveis. Sena, êsse despertava-lhe asco. Não lhe perdoava, sobretudo, a miserável exploração que exercia sobre o outro. Quando lhe ouvia a voz, sentia-se inquieto, exasperando-se se êle lhe falava. Sofria, com isso, uma segregação quase completa (PASSARINHO, 1960, p. 88).

Quase em seguida a esse ponto, o narrador volta sua atenção a Cesário e a execução de seu plano de Rebelião. Esta, gradativamente, foi obtendo êxito no domínio de todas as filiais e gerentes do coronel Antônio Carlos. Com efeito, ao passar por Cachoeirinha, José Cesário resgata Zé Luís e, assim, o narrador retoma o caso homoafetivo de Marcelino e Sena. É, então, no capítulo XX que temos um novo dado importante a ser analisado, o qual foi prejudicado pela censura, pois o referido capítulo no texto original e nas edições pós-64 não são iguais. Não o são simplesmente porque o citado capítulo no texto cortado corresponde ao capítulo XXI da edição original. Exatamente, a censura eliminou integralmente o capítulo XX da versão original, uma vez que nele se vê o desfecho da relação homoafetiva entre Manuel Sena e Marcelino. Vejamos, então, o capítulo suprimido:

A vanguarda alcançou o “taperi” à tarde, com os seringueiros em plena defumação. Zé Luís foi o primeiro a ver os homens da coluna, entrando pela clareira. À estupefação, sucedeu-lhe uma alegria incontida, ao reconhecer Cesário. Veio-lhe ao encontro, alvoroçado, seguido de perto pelos companheiros.

– Que é isso, “seu” Cesário? – perguntou Sena, que reclamava um abraço.

– É a liberdade, Sena. Não só nossa, mas de todos êsses pobres infelizes, há anos escravizados.

Marcelino observava, atento. Mal percebeu de que se tratava, pediu:

– Sena, tu podes vir até aqui?

Percebendo o embaraço do amigo, apelou, a voz súplice:

– Um instantinho só, sim?

Zé Luís estremeceu, de leve. Sena, indeciso, acabou por atender. Caminharam ambos de volta ao local de defumação. Marcelino, já longe dos outros, perguntou:

– “Seninha”, tu não vais embora, não é?

O outro cortou, agressivo:

– Olha bem, aqui na presença de “seu” Cesário não quero confiança comigo. Entendes?

Marcelino não entendia:

– Que mudança é essa? Por que se zangar à tôa? Só queria ter a certeza de que tu não vais me abandonar aqui. Vais?

Sena franziu o sobrecenho e advertiu, categórico:

– Se tu não queres ficar, vem conosco. Mas tudo que houve entre nós é coisa morta. Não quero nem ouvir falar no assunto, percebes?

Deixando Marcelino só, o nordestino veio reunir-se a Cesário e Zé Luís.

Já o grosso da coluna de retirantes se acercava da clareira, quando Sena percebeu a falta de Marcelino. Gritou por êle. Repetiu o grito, sem êxito. Tornou-se-lhe a face de palidez mortal. A comissura dos lábios, contraída, emprestou-lhe uma feição cruel. Correu ao “taperi”, apanhou o 44 e mergulhou, sem dar uma palavra, na estrada que conduzia a “Cachoeirinha”.

Zé Luís, súbito, compreendeu o perigo. Certo, Marcelino iria denunciar o movimento, para impedir a fuga de Sena.

Num segundo, resumiu suas apreensões para Cesário, de sorte a deixá-lo conhecedor do que se passava.

De um salto, Cesário tomou a direção de “Cachoeirinha”, apreensivo. Zé Luís seguia-o. A tensão nervosa era enorme. Zé Luís notou-lhe a dura aparência do rosto transtornado, a vigilante atenção com que perscrutava a mata em redor e o modo decidido com que empunhava o rifle, com a bala puxada para a agulha. A marcha forçada, quase correndo, prolongou-se por mais de meia hora, quando reboou o som de um tiro.

Zé Luís sentiu um frio correr-lhe a espinha. Teve a sensação de ter mergulhado num vazio. Pisou em falso, num volumoso tronco apodrecido, o pé se lhe entrou pelo cerne fôfo e todo êle abateu de cheio no chão. Cesário praguejou e voltou-se para ajudá-lo.

Torcera o pé. Não podia correr.

Um segundo tiro ecoou na floresta, com um som rouco e soturno.

Pouco mais adiante, Cesário parou. Marcelino jazia por terra, parecendo ainda chorar, abraçado ao cadáver de Sena, cujo rifle não chegara a ser usado.

Olhando o sangue rútilo de ambos, que se misturava no chão, Zé Luís teve uma náusea violenta.

Afastou-se, deixando sós aquêles corpos unidos pela morte, como tantas vêzes unidos estiveram na depravação e no vício (PASSARINHO, 1960, p.113-114).

O desfecho do caso homoafetivo foi, portanto, trágico para os amantes Marcelino e Manuel Sena. Além disso, nota-se, no final do trecho acima, uma nova intromissão do narrador tecendo sua opinião e julgamento do caso quando observa Zé Luís se afastando dos dois mortos unidos no chão no final do trecho acima.

Por fim, ainda há um último corte que se dá quase no final do capítulo XXI da versão pré-64, no qual o narrador revela um outro envolvimento amoroso do coronel Antônio Carlos com Maria, sua empregada doméstica em Arubatuba, no momento em que Cesário se posta diante de seu chalé exigindo a sua presença: “Da cama larga do Coronel, Maria, em camisola, saltou sobressaltada, correndo à janela” (PASSARINHO, 1960, p. 119). É bem verdade que se trata de um pequeno trecho, mas que sem ele não se entende outra aparente falha de enredo localizada no capítulo XI das versões pós-64, onde o narrador descreve a irritação do coronel Antônio Carlos ao saber que um de seus gerentes, de nome Pádua, “[...] fôra visto a tentar

arrastar a asa à Maria” (PASSARINHO, 1968, p. 72), fato que provocou a intolerância do coronel.

Conclusão

Diante do exposto, pudemos ter uma dimensão do quanto e como a “tesoura censória” do Regime Militar deformou e prejudicou a compreensão do enredo de *Terra Encharcada* nas edições pós-64. Os objetivos – implícitos – parecem ter ficado claros: evitar que o romance escrito pelo Coronel do Exército e Ministro Jarbas Passarinho não fosse taxado de imoral ou figurar em alguma lista de livros proibidos pela censura por abordar um relacionamento homoafetivo entre dois seringueiros e, assim, igualmente preservar duplamente as imagens do autor, membro da alta cúpula do Regime Militar, e da Editora Clube do Livro que, como vimos, se esforçava por manter “boa relação” com a Ditadura.

Essa “boa relação”, portanto, certamente garantiria a permanência da citada editora no mercado editorial com tiragens expressivas destinadas às bibliotecas públicas e, necessário dizer, sem se importar com os “fatores estilísticos” das obras (MILTON, 1996) de seu, digamos, “portfólio”. Convém ressaltar também que o romance *Terra Encharcada*, além de haver sido mutilado com vários cortes em seu enredo original, ficou à sombra de seu autor, isto é, os atos políticos sombrios de seu criador a deixou ignorada, rejeitada ou não visível à crítica nacional, mesmo depois de 34 anos do fim da Ditadura Militar e da censura, pois Jarbas Passarinho ainda publicou uma última edição de seu romance, em 2001, com o mesmo enredo censurado com sua autorização. Com efeito, isto justifica o título do presente estudo e nota-se o porquê de não haver fortuna crítica em torno de *Terra Encharcada* até hoje.

Referências Bibliográficas:

JACKSON, Joe. **O ladrão no fim do mundo**. Trad. Saulo Adriano. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

MARCELINO, Douglas Attila. **Salvando a pátria da pornografia e da subversão: a censura de livros e diversões públicas nos anos 1970**. Dissertação (Mestrado em História Social) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2006.

MILTON, John. **As traduções do Clube do Livro**. 1996. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/tradterm/article/viewFile/49894/54000>>. Acesso em: 14 nov. 2019.

NOGUEIRA, Mara Genecy Centeno. **Entre catéguas e muniças: territórios e territorialidades da morte na cidade de Porto Velho**. Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Federal do Paraná, 2015.

- PASSARINHO, Jarbas G. **Terra encharcada**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 2001.
- _____. **Um híbrido fértil**. Rio de Janeiro: Expressão e Cultura, 1996.
- _____. **Terra encharcada**. Rio de Janeiro: Sá Cavalcante Editores, 1970.
- _____. **Terra encharcada**. São Paulo: Clube do Livro, 1968.
- _____. **Terra encharcada**. Belém: Gráfica Falangola Editora, 1960.
- _____. **Terra encharcada**. Lisboa - PT: Livros do Brasil Lisboa, [s. d.]. (Coleção Livros do Brasil – nº 86).
- REIMÃO, Sandra. **“Proíbo a publicação e circulação...” – censura a livros na ditadura militar**. 2014. Disponível em: < <http://www.revistas.usp.br/eav/article/view/79684/83686>>. Acesso em: 14 nov. 2019.
- SILVA, Deonísio da. **Nos bastidores da censura: sexualidade, literatura e repressão pós-64**. 2ª ed. rev. Barueri, SP: Manole, 2010.
- SOUZA, Márcio. **A expressão amazonense: do colonialismo ao neocolonialismo**. Manaus: Editora Valer, 2010.